

Entre Redes e Tradições: O Significado Sociocultural da Pesca Artesanal em Barra Seca

João Vitor dos Santos¹, Joelson Musiello Fernandes², Fernando Cavalcanti de Sales Junior³,
Marielce de Cássia Ribeiro Tosta⁴

Ciências Humanas

Introdução e Objetivo

A pesca artesanal, definida pela Lei nº 11.959/2009, é uma prática tradicional realizada por pescadores profissionais de forma autônoma ou em regime familiar. Responsável por aproximadamente 55% da produção pesqueira nacional (PEREIRA, 2012; LIMA, 2013), desempenhando papel central para a segurança alimentar, geração de renda e conservação da biodiversidade. Para além da relevância econômica, a pesca artesanal constitui também um pilar de identidade cultural, transmitido de geração em geração e permeado por práticas, valores e narrativas (SILVA, 2015).

As comunidades pesqueiras brasileiras, conhecidas também como povos do mar, enfrentam crescentes pressões contemporâneas: urbanização, especulação imobiliária, poluição e redução dos estoques pesqueiros (MUSIELLO *et al.* 2018, SILVA, BRITO E OLIVEIRA, 2024). Esses fatores impactam não apenas a sustentabilidade econômica da atividade, mas também a continuidade dos saberes tradicionais e a coesão social (SILVEIRA, 2012).

Nesse cenário, a comunidade de Barra Seca, em São Mateus (ES), representa um espaço emblemático onde práticas tradicionais convivem com transformações sociais, tecnológicas, econômicas e ambientais. Diante disso, este trabalho tem como objetivo investigar o significado sociocultural da pesca artesanal em Barra Seca, analisando sua relevância para a identidade cultural, a economia local e a organização comunitária. Ao mesmo tempo, busca

¹Graduando em Ciências Biológicas Licenciatura, Universidade Federal do Espírito Santo- UFES, joaovictordr.santo@gmail.com

²Doutor em Oceanografia Ambiental, Universidade Federal do Espírito Santos- UFES, joelson.fernandes@ufes.br

³Doutorando em Economia Circular e Produção Sustentável, Universidade de Flores (Buenos Aires, Argentina), fernando.c.sales@gmail.com

⁴Doutora em Economia, Universidade Federal do Espírito Santo- UFES, marielce.tosta@ufes.br

compreender de que forma as tradições pesqueiras influenciam as relações sociais e culturais, identificar os valores imateriais comunitários preservados pela atividade, destacar os saberes transmitidos entre gerações e analisar os meios de comunicação utilizados pelos pescadores.

Método e Metodologia

A pesquisa possui natureza qualitativa e exploratória, com apoio de procedimentos quantitativos descritivos (GIL, 2002; LAKATOS; MARCONI, 1992; TRIVIÑOS, 1987). Foi realizada na comunidade de Barra Seca, localizada no município de São Mateus (ES) (FERREIRA; MOZINE; RODRIGUES, 2021).

Foram conduzidas entrevistas no período de 2024 a 2025 com a utilização dos fundamentos da História Oral (THOMPSON, 1978; ALBERTI, 2004), a fim de acessar memórias e percepções sobre transformações sociais e ambientais, além disso também foram aplicados questionários (semi estruturados) para mapear padrões de uso dos meios de comunicação.

As falas foram transcritas e analisadas em categorias temáticas emergentes: perfil dos pescadores e meios de comunicação; saberes tradicionais e transmissão intergeracional; transformações sociais e tecnológicas. A análise foi dialogada com a bibliografia especializada sobre comunidades tradicionais e pesca artesanal.

Discussão e Resultados

Foram entrevistados 10 pescadores, sendo 8 do gênero masculino e 2 do gênero feminino com idades entre 55 e 90 anos. Os resultados mostram que a maioria dos pescadores iniciou a prática ainda na infância (80%), acompanhando pais e familiares, confirmando o caráter de saber transmitido no convívio diário (SILVA, 2015). Esse processo evidencia a pesca como patrimônio imaterial da comunidade, um conhecimento que não se limita à técnica, mas que constitui valores, identidades e modos de vida. Nesse sentido, a pesca artesanal em Barra Seca se aproxima do que Boaventura de Sousa Santos denomina “ecologia de saberes”, na medida em que articula práticas ancestrais, empiricamente testadas, com formas de adaptação contemporâneas, resistindo à hegemonia dos saberes técnico-científicos.

Quanto à comunicação, a televisão aparece como o principal meio de acesso a informações, seguida do rádio; já o celular e a internet são pouco utilizados, embora o WhatsApp se

configure como ferramenta de contato esporádico. Essa limitação tecnológica reforça o papel das relações presenciais e da oralidade, preservando práticas comunitárias tradicionais, mas também pode contribuir para o isolamento em relação a políticas públicas e a mercados de comercialização mais amplos. Nesse ponto, observa-se um paradoxo: enquanto os meios digitais oferecem possibilidades de organização e divulgação, a baixa conectividade mantém a comunidade à margem de processos mais amplos de inserção social.

No campo dos saberes tradicionais, destacam-se as técnicas variadas de pesca, desde o uso de anzol até métodos de arrasto, bem como a leitura dos ventos como conhecimento fundamental. Esses saberes dialogam com tradições indígenas e afrodescendentes descritas na literatura (SILVEIRA, 2012), revelando uma continuidade histórica que reafirma a identidade local. A transmissão ocorre de forma prática: as crianças acompanham os adultos desde cedo, aprendendo pela observação e oralidade, num processo de ensino que valoriza a experiência vivida (THOMPSON, 1978). No entanto, foi possível identificar sinais de fragilidade nesse processo, especialmente diante da migração de jovens e da diminuição da atratividade econômica da pesca. Isso sugere o risco de ruptura na transmissão intergeracional, comprometendo a continuidade cultural da atividade.

Os pescadores também relatam transformações sociais e tecnológicas significativas. Um passado que chamam de “tempo mais índio”, marcado por técnicas simples e pesca de subsistência, foi substituído por práticas mais modernas ligadas à pesca comercial. Embora motores e equipamentos tenham facilitado o acesso ao mar, a modernização trouxe consigo impactos negativos: a contaminação dos rios após o desastre do rompimento da Barragem de Fundão da empresa Samarco, o desmatamento, a especulação imobiliária e a dinamitação do Rio Suruaca. Esses processos não apenas alteraram o ecossistema local, reduzindo a disponibilidade de pescado, como também afetaram a organização comunitária e as formas de transmissão do saber. Trata-se de um caso exemplar de injustiça ambiental, no qual comunidades tradicionais arcam com os maiores custos sociais e ambientais de empreendimentos econômicos que não beneficiam diretamente sua população.

Outro aspecto relevante diz respeito às questões de gênero. Embora a pesca seja narrada predominantemente como uma prática masculina, relatos apontam a presença das mulheres no beneficiamento, na comercialização e na organização comunitária. Reconhecer esse papel ampliado das mulheres significa também compreender que a transmissão de saberes não

ocorre apenas na beira do rio ou do mar, mas em toda a rede de atividades que sustenta a prática pesqueira.

Dessa forma, a pesca artesanal em Barra Seca pode ser compreendida como espaço de resistência cultural. Ainda que pressionada pela modernização e pela degradação ambiental, ela mantém práticas que ressignificam o território e reafirmam a identidade coletiva. A memória das técnicas, a oralidade e a organização comunitária constituem um modo próprio de interpretar e viver o mundo, reafirmando a centralidade dos saberes locais diante das transformações impostas de fora.

Considerações Finais

O estudo evidencia que a pesca artesanal em Barra Seca não pode ser compreendida apenas como atividade econômica, mas como prática cultural que expressa memórias, saberes ancestrais e modos de vida. Apesar das pressões ambientais e sociais que ameaçam sua continuidade, os pescadores mantêm a transmissão oral e prática de seus conhecimentos, reafirmando a pesca como patrimônio cultural imaterial.

Os resultados reforçam a importância de políticas públicas que valorizem comunidades tradicionais e preservem seus modos de vida como parte da diversidade cultural brasileira, em especial as comunidades que dependem da atividade pesqueira artesanal. Futuras pesquisas podem ampliar o diálogo com jovens da comunidade, investigando como ocorre a sucessão e a permanência desses saberes diante das mudanças contemporâneas.

Agradecimentos

Agradecemos à **Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)**, por meio do **Projeto Redes de Cidadania**, pela pesquisa realizada **como medida de mitigação exigida pelo licenciamento ambiental federal da Petrobras, conduzido pelo IBAMA**, com suporte da **Fundação Espírito-santense de Tecnologia (FEST)**.

Referências

ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

FERREIRA, Giovanilton André Carretta; MOZINE, Augusto Cesar Salomão; RODRIGUES, Viviane Mozine. *Diagnóstico da comunidade de Barra Seca*. São Mateus: 2021.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HAIMOVICI, Manuel; ANDRIGUETTO FILHO, José Milton; SUNYE, Patricia Sfair (orgs.). *A pesca marinha e estuarina no Brasil: estudos de caso multidisciplinares*. São Paulo: Edusp, 2014.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia do trabalho científico*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LIMA, Francisco José da Silva. A pesca artesanal e a preservação ambiental no Brasil: desafios e perspectivas. *Revista Brasileira de Pesca*, v. 15, n. 3, p. 23-40, 2013.

MUSIELLO-FERNANDES, Joelson; VIEIRA, Fernanda Vedoato; FLORES, Roberta Maia das; CABRAL, Lucas; ZAPPES, Camilah Antunes. Pesca artesanal e as interferências sobre a atividade na mesorregião central do Espírito Santo. *Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão (Nova Série)*, v. 40, n. 1, p. 1-21, jan./mar. 2018.

PEREIRA, A. A. *Pesca artesanal no Brasil: práticas e desafios*. São Paulo: Editora Universitária, 2012.

SILVA, A. F. Pesca artesanal: seu significado cultural. *Ateliê Geográfico*, v. 3, n. 1, p. 142-159, 2009.

SILVA, Marcos Alexandre. *Pesca artesanal no Brasil: práticas, desafios e políticas públicas*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2015.

SILVA, Raquel da; BRITO, Ana Paula; OLIVEIRA, João Carlos de. Comunidades tradicionais e gestão de recursos hídricos: há espaço para a pesca artesanal? *O Social em Questão*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 54, p. 1-25, 2024. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5522/552277440010/>. Acesso em: 19 ago. 2025.

SILVEIRA, Dauto J. da. Breves considerações sobre o processo de transformação da existência dos pescadores artesanais na modernidade. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 139, 2012.

THOMPSON, Paul. *The voice of the past – Oral history*. New York: Oxford University Press, 1978.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.